

## O Olimpismo na formação de Treinadores desportivos em Portugal El Olimpismo na formación de entrenadores deportivos en Portugal

\*Teresa Cristina T.A. Rocha, \*Maria José Martínez Patiño, \*\*Covadonga Mateos-Padorno, \*Xesús Pena-Pérez

\*Universidad de Vigo (España), \*\*Universidad de Las Palmas de Gran Canaria (España)

**Resumo.** A Carta Olímpica (CA) assinala a missão Movimento Olímpico (MO) no sentido de construir um mundo melhor. Através dos valores associados à busca de excelência, celebração da amizade e demonstração de respeito, a prática desportiva emerge como uma ferramenta de educação de elevado interesse. Enquanto agentes com intervenção particular, isto é, a responsabilidade na condução e ensino da atividade desportiva, os treinadores são elementos cruciais no processo de desenvolvimento dos valores que se querem manifestados através da prática desportiva. Não obstante e sabendo que a nível da formação existe um módulo de ética, queremos saber até que ponto os nossos treinadores estão sensibilizados para a temática da Ética, Olimpismo e dos Valores. Este estudo teve por base a aplicação de questionários aos treinadores, e pretende-se saber se os treinadores transmitem os valores aos seus atletas e em que situação, saber que conhecimentos tem sobre o movimento olímpico e quais os valores desportivos tem na sua formação como treinadores.

**Palavras-chave:** Formação de treinadores, Valores, Olimpismo, Treinador, Movimento Olímpico.

**Resumen.** La Carta Olímpica (CA) señala la misión Movimiento Olímpico (MO) para construir un mundo mejor. A través de los valores asociados a la búsqueda de la excelencia, la amistad y la celebración muestra de respeto, el deporte surge como una herramienta educativa de gran interés. Mientras que los agentes con intervención particular, es decir, la responsabilidad en la conducción y la enseñanza en los deportes, los entrenadores son elementos cruciales en el proceso de desarrollo de los valores que se quieren manifestar a través del deporte. Sin embargo, y sabiendo que en la formación hay un módulo la ética, queremos saber en qué medida nuestros entrenadores son conscientes del problema de la ética, el Olimpismo y sus valores. Este estudio se basó en cuestionarios dirigidos a los entrenadores, y quieren saber si los entrenadores transmiten valores a sus atletas y en esa situación, sabe que el conocimiento tiene sobre el movimiento olímpico y el que figuras del deporte tienen en su formación como entrenadores.

**Palabras clave:** formación de entrenadores, los valores, el Olimpismo, entrenador, del Movimiento Olímpico.

### Introdução

De um modo geral, o desporto é assumido, divulgado e entendido como uma escola de valores para a vida. A sua prática está assente nos símbolos, valores e normas que potenciam o desenvolvimento pessoal, interpessoal e cívico dos seus participantes. Assim neste sentido, o desporto pode assumir um papel determinante, uma vez que ele está integrado e faz parte de todas as classes sociais, religiosas e políticas.

Atualmente no desporto existe atitudes revelando-se tanto de uma forma positiva como negativa pelos actos e manifestações de valores e contra-valores da sociedade.

Por esta razão e outras, que o desporto pode representar um excelente veículo para a transmissão e vivência da ética e dos valores que lhe estão associados e que, transportados para o quotidiano, podem produzir significativas alterações no modo como actualmente a sociedade se rege. São inúmeros os responsáveis pela transmissão dos valores e da ética, são eles os professores, treinadores, pais e encarregados de educação. Efectivamente, os treinadores e os professores, além da sua intervenção técnica, compete-lhes, através do seu exemplo e das aprendizagens estimulantes, proporcionar o necessário enquadramento para que, o jovem aprendiz e atleta, possa retirar da sua experiência o enorme potencial educativo que está associado à prática desportiva. Neste contexto, o professor e o treinador deve assumir-se como um agente, promotor de valores e atitudes, que dignifiquem a sua intervenção, ao aluno e o atleta e a prática desportiva fomentando, através do exemplo e do modelo, as normas essenciais do espírito desportivo como sejam: respeitar e cumprir os regulamentos e decisões dos juizes, reconhecer com naturalidade o potencial dos adversários, aceitando os resultados das competições, sejam estas mais ou menos formais, ser comedido nas suas manifestações, quer em caso de vitória, quer em caso de derrota, e cultivar sempre e em todas as circunstâncias a honestidade e a lealdade, como princípios reguladores da prática desportiva.

Estes valores associados ao desporto, também decorrentes do espírito olímpico, consubstanciados nos princípios associados à Carta Olímpica e manifestados na Agenda 21, desenvolvidos pelo Comité Olímpico Internacional, que deverão emergir da experiência e prática desportiva, foram ainda reconhecidos e institucionalizados no âmbito dos organismos

afectos à União Europeia (Carta Europeia do Desporto, Código de Ética no Desporto, Livro Branco sobre o Desporto), da UNESCO (Carta Internacional da Educação Física e Desporto) e de organizações como a UNICEF ou a ONU que também desenvolveram documentação centrada na importância do desporto para a promoção da paz e da violência em colectivos com diferentes particularidades.

Para este caso menciona-se que o Papa Francisco num colóquio para treinadores promovidos pelo Vaticano mencionou os treinadores como «educadores de Pessoas» dizendo *Eduquem os jovens para os valores autênticos do desporto, não para a rivalidade muito inflamada e agressividade*.

Verifica-se também para este caso, o potencial do desporto como uma ferramenta valiosa para a conquista da paz e do desenvolvimento, a 70 Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas adoptou uma resolução reafirmando a eficiência do desporto na promoção do diálogo nas áreas conflitos. A resolução intitulada «Construir um mundo pacífico e melhor através do desporto e do ideal olímpico» insta os Estados membros a observar a trégua olímpica desde o sétimo dia antes do início dos Jogos Olímpicos de Verão XXXI próximo mês de Agosto, até o sétimo dia após o fim do XV Jogos Paralímpicos de Verão em Setembro próximo - ambos a ser realizada no Rio de Janeiro.

### Revisão da literatura

#### *Sobre Desporto e Ética*

Para compreendermos a importância dos valores obtidos através do Desporto, da Educação Física remontamos um pouco à História da Humanidade. Tudo começou quando o Homem primitivo sentiu a necessidade de lutar, fugir ou caçar para sobreviver. Assim à luz da ciência executa os seus movimentos corporais mais básicos e naturais desde que se colocou em pé: corre, salta, arremessa, trepa, empurra, puxa. A prática de actividade física desportiva foi e continua a ser uma das constantes do comportamento humano. A manifestação cultural da actividade física produziu-se de formas diferentes em função das necessidades sociais e dos objectivos estabelecidos em cada período histórico e de civilização. Vejamos que a influência desportiva se traduziu na forma de educação nos jovens de antiga Grécia.

Os gregos da antiguidade conferiram ao exercício físico um papel de grande destaque nos vários âmbitos da vida social, como a educação, na qual a actividade física se complementava com a aquisição de conhecimentos, a celebração das festas, sobretudo os Jogos Helénicos

(Jogos Olímpicos). A *Ilíada*, a primeira obra prima de literatura grega e a *Odisseia* contém inúmeras referências desportivas, Poeta Píndaro (518-438a.c) a sua mensagem educativa baseia-se no engrandecimento do vencedor desportivo, o qual é tomado como exemplo da perfeição; daí que as suas odes triunfais, Olímpia, Píticas, Nemeias e Ístmicos sejam dedicados aos vencedores.

O pensamento helénico surge como um marco na reflexão da ética, e esta ligada ao desporto. Cabe então definir e segundo alguns autores o seu conceito

O conceito de desporto definido por Pierre de Coubertin (1934) é um culto voluntário e habitual de exercício muscular intenso suscitado pelo desejo de progressão e não hesitando em ir até ao risco. Para M.Fernandes o Desporto é «essencialmente uma forma de lazer, que responde á necessidade de expressão da liberdade do indivíduo desporto, assim como o conhecemos, apesar de ser um fenómeno típico e distinto da nossa sociedade, encobre na sua aparente simplicidade uma enorme complexidade social e cultural, cuja circunscrição assume, por vezes a forma de concepções ideológicas, que argumentam a validade de uns critérios em detrimento de outros. As opiniões que se encontram nesta matéria advêm em muitos casos de interesses específicos que se afirmam no seio do sistema desportivo, e que, em última análise, remetem para a legitimação e afirmação hegemónica dos interesses e valores de uns sobre os outros. (Marivoet, 2002: 23)

Para melhor entendermos as concepções de desporto, tornasse necessário fazer uma revisão à luz do desenvolvimento do desporto moderno na civilização ocidental.

Durante vários séculos, o desporto resumia-se aos jogos tradicionais regulamentados de acordo com as tradições locais e muito ligados a aspectos utilitários da sociedade agrícola. É no séc. XVIII, com a passagem da sociedade agrícola à sociedade industrial que se dá o processo de «desportização» (Elias, 1992) das actividades de tempos livres. Este terá seguido de mão dada com o processo de industrialização, o que quer dizer que a transformação verificada na forma como os indivíduos trabalhavam, foi seguida de perto por uma transformação da maneira segundo a qual utilizavam o seu tempo livre.

Nos finais do séc. XIX, dá-se o restabelecimento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, pela mão do Barão Pierre de Coubertin, iniciando-se assim um processo de institucionalização das práticas desportivas, que remeteu as tradicionais práticas lúdicas para a categoria de jogos, e que levou o desporto a identificar-se com práticas desportivas que incluem institucionalização, ou seja, organização, normas e aparelhos fiscalizadores e que contemplam competição, por conseguinte, permitem uma comparação de práticas desportivas.

No final do sec XIX Pierre de Coubertin vem chamar atenção através dos seus escritos, para que seja feita uma reflexão sobre um conjunto de princípios e valores que se consubstanciam no Espírito Olímpico. Estas recomendações estão vidências pelos atletas sob o juramento olímpico.

O Desporto é uma componente crucial na sociedade contemporânea, assume-se cada vez mais como uma importância económica, política e social. Cada vez mais há mais pessoas ligadas ao desporto quer a nível de espectadores quer como praticantes, sabendo que em todo o mundo, seja rádio, televisão e jornais o fenómeno desportivo tem a sua página e o seu momento. São enormes os recursos financeiros mobilizados para os Mega-Eventos desportivos a escala mundial, e os Jogos Olímpicos são o exemplo disso, seja na forma de patrocínios ou na aquisição de direitos de transmissão. Assim e com base nisto o Desporto Olímpico assumiu um lugar de destaque e privilegiado na actual sociedade. As questões associadas a ética desportiva, assomem de enorme importância, visto que a nossa juventude é cada mais viciada na televisão nos jogos computadorizados, captando por vezes imagens de violência, agressividade e não saber estar. «Na ordem dos valores humanos, a abordagem da ética no terreno desportivo constitui uma oportunidade única» M.Azinhais (in conferencia Panhatlon club de Lisboa 2010). Sem duvida que neste campo existem os atletas e os treinadores como «actores principais» o atleta na sua competição tem o papel de superar-se a si próprio, aperfeiçoar as suas técnicas dando o máximo na sua competição

respeitando o seu adversário, cabe ao treinador dirigi-lo para esse fim.

### ***Carreira do treinador Desportivo***

Em relação aos treinadores, as ambiguidades conceptuais são um pouco difíceis de ultrapassar dada a fluidez das suas fronteiras. Quais os critérios de definição desta actividade que representa um desafio para as noções correntes de «profissão» e «trabalho»? (Almeida, 2001).

A actividade de treinador não conheceu o mesmo processo de profissionalização que outras profissões liberais. Este processo consistiu na organização dessas profissões através de associações privadas, que constituíram elas mesmas as suas definições e os seus mercados. Por outro lado, deste processo fez também parte a estratégia de ligação das instituições de formação dessas profissões, às universidades

Em Portugal, o processo de profissionalização dos treinadores e o desporto em geral, terá ficado marcado pelo facto de, no início do séc. XX, se considerar que os desportos «não são um meio de aperfeiçoamento individual, mas antes de deformação física, quantas vezes de perversão moral» (Decreto n.º 21.110, de 16 de Abril de 1932). Podemos imaginar o que sentiram os então diplomados de Educação Física «que defendiam o alcance educativo de desporto, face a tão inspirada doutrina e que se atreviam a ensinar uma modalidade desportiva nas aulas de educação física!» (Lima, 2000:7)

Em pleno regime ditatorial, da década de 40 até à Revolução de 74, o Estado exerceu sobre o desporto um controlo total, como meio de atingir a cultura física geral do país (Almeida, 2001).

Em 1974, é criado um sector de formação, no âmbito da estrutura da então Direcção-Geral dos Desportos (DGD), com o objectivo de apoiar as Federações na organização de cursos e acções de formação para os vários agentes desportivos, para em 1977, institucionalizar-se o sector de formação, criando-se no seio da DGD, o Instituto Nacional do Desporto que compreende uma divisão de formação, e institui-se um modelo de formação dos agentes desportivos que atribui ao Estado a responsabilidade pela «formação de quadros técnicos desportivos, com excepção de professores de Educação Física» (Decreto-Lei n.º 553/77 de 31 de Dezembro). Entretanto, em 1985, são definidos os princípios e estabelecidas as regras que condicionam o acesso e o exercício da actividade dos treinadores desportivos no âmbito do desporto federado (Decreto-Lei n.º 163/85, de 15 de Maio).

Em 1991 a formação dos agentes desportivos, nomeadamente dos treinadores, passa a estar cometida às Federações desportivas (Decreto-Lei n.º 350/91 e Decreto-Lei n.º 351/91, ambos de 19 de Setembro). Institui-se assim um modelo em que o Estado se vê desresponsabilizado quer pelo funcionamento, quer pela qualidade da formação dos agentes desportivos.

Por fim, o Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de Outubro, enquadra a formação dos treinadores no âmbito da formação profissional inserida no mercado de emprego, definindo os treinadores como:

Os indivíduos que intervêm directamente na realização de actividades desportivas, a quem se exige o domínio teórico-prático da respectiva área de intervenção» e que «conduzem o treino dos praticantes desportivos com vista a desenvolver condições para a prática e reconhecimento da modalidade ou otimizar o seu rendimento desportivo, independentemente da denominação que lhe seja habitualmente atribuída. Assim, a formação dos treinadores tem-se mantido, desde o início do século, pouco associada à universidade (Almeida, 2001). Apesar da formação de uma parte dos treinadores passar pelo ensino universitário, a de muitos outros está mais próxima da do artesanato, implicando poucos aspectos teóricos e abstractos e sem qualquer ligação à universidade.

Como questiona Teotónio Lima, «se não se aceita que, no sistema educativo, a função de docente seja exercida por quem não tenha habilitação própria, como é que vamos admitir que, no sistema desportivo, aqueles que ensinam, treinam e dirigem crianças e jovens sejam dispensados de uma habilitação apropriada? (...) No mínimo há que assegurar para todos os treinadores a formação inicial e a formação contínua como condições necessárias ao exercício da sua importante função no desenvolvimento desportivo nacional e à sua elevada missão formativa

junto da juventude» (2000: 13). Desta forma não é possível exercer um controlo sobre a entrada no mercado de candidatas a treinadores, nem sobre os termos e condições da concorrência pelas posições que esse mercado oferece.

Segundo a Classificação Nacional das Profissões, de 1994, os treinadores, apesar de não terem a sua formação associada de forma sistemática com o ensino superior, são considerados fundamentalmente «trabalhadores intelectuais», sendo o seu trabalho suficientemente valorizado em termos culturais. A razão para esta classificação prender-se-á com o facto de, se poder estabelecer uma semelhança entre a actividade de professor e do treinador.

Assim, Teotónio Lima afirma que é pertinente dar o relevo necessário à função de treinador, à importância da posição social que este ocupa no desporto do nosso país por duas razões: uma, por ser um interveniente responsável na formação dos jovens e um indivíduo que cria uma imagem pública, que o situa desde logo com educador; outra, por ser alvo de exaltação ou humilhação na medida em que é responsabilizado, de uma forma alienante e alienada, pelos feitos desportivos das equipas.

Actualmente a formação de treinadores, reside num Programa Nacional de Formação de Treinadores. É a concretização de uma orientação política que, desde 2005, optou com clareza e determinação por valorizar a formação dos agentes desportivos, quer a nível das competências técnicas e científicas, quer a nível das competências organizacionais e de gestão. Teve um percurso que foi delineado na lei de Bases da actividade Física e do desporto, concretamente nos artigos 35.º e 43.º da lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro, e que se tornou numa orientação explícita no regime Jurídico da Formação desportiva, decreto-lei n.º 248-a/2008, de 31 de Dezembro. Uma formação sustentada e não avulsa, que pôde ser integrada no regime Jurídico do sistema Nacional de Qualificações. Trata-se de reconhecer e dignificar a existência dos treinadores, a quem o desporto Português.

Neste estudo pretende-se dar a conhecer um conjunto de questões relacionadas com a Ética, movimento Olímpico e os Jogos Olímpicos e verificar quais os valores que orientam a carreira do Treinador Sendo os objectivos deste estudo: Conhecer o grau de saberes adquiridos e relacionados com os Jogos Olímpicos, Conhecer o grau de conhecimento adquiridos pelos Treinadores, no seio da cultura olímpica, Olimpismo, valores Olímpicos e Ética Desportiva, Analisar o papel dos Treinadores na promoção dos Valores Olímpicos junto aos seus atletas.

### **Método e Amostra**

O método utilizado para este estudo, foi o quantitativo. Segundo Marconi (1982), as técnicas quânticas de análise e tratamento dos dados apresentam melhor compreensão, mais objectivos, dinamizam o processo de relação entre as variáveis

A população que participou neste estudo é designada pelos treinadores de ambos os sexos de dezassete distritos de Portugal Continental e duas regiões autónomas, Açores e Madeira Neste estudo participaram um total de 456 treinadores de vinte e quatro modalidades desportivas sendo estas três não Olímpicas (Futsal, Karaté e o Hóquei Patins, duas que irão fazer parte do calendário olímpico Rio Janeiro 2016 (Golfe e o Rugby) e vinte modalidades Olímpicas. Neste estudo participaram também e fazendo parte da amostra, três seleccionadores nacionais de modalidades Olímpicas

Verificou-se que para este estudo os distritos mais representados foram: Porto com 21.92% (n=100), Lisboa com 8.99% (n=41) e Braga com 6.14% (n=28) os distritos menos representados foram Guarda, Covilhã e Vila Real, com igual percentagem 2.19% (n=10). Quanto a representação por sexos, a amostra feminina correspondeu a um 25.21% (n=115) e a amostra masculina de 74.78% (n=341)

### **Procedimento e Instrumento**

O inquérito por questionário foi o procedimento utilizado na recolha de dados. Foi feito inicialmente um contacto com os IPDJ regionais aquando da realização da acção de formação sobre ética e também enviado um pedido de autorização aos clubes.

Nas regiões autónomas este questionário foi aplicado aquando a realização de cursos de treinadores, do qual solicitou se a aplicação do mesmo ao formador. O questionário utilizado neste trabalho foi construído com algumas questões do questionário R.Naul(1995), tendo sido o suporte de um estudo intitulado «*Estilos de vida desportivos, desempenho Motor e ideais Olímpicos nos Jogos Europeus*». Dado a originalidade e inovação do mesmo este foi devidamente validado, antes da sua aplicação. Os treinadores podiam dar dois tipos de resposta consoante a natureza das perguntas ser fechada ou aberta. O tipo de resposta a perguntas de natureza fechada é efectuado segundo a Escala de Likert, com cinco níveis possíveis (completamente de acordo, concordo, sem opinião, não concordo, completamente em desacordo). O questionário utilizado neste estudo está dividido em sete grandes itens: Dados característicos dos treinadores, Dados referentes ao Olimpismo, Jogos Olímpicos da Era Moderna, Valores Olímpicos. Dados referentes às percepções dos Treinadores sobre Ética Desportiva; Dados referentes à percepção dos Treinadores em relação aos Jogos Olímpicos, Dados referentes à importância de participação nos Jogos Olímpicos, Dados referentes aos valores dos Jogos Olímpicos, Dados referentes aos Símbolos Olímpicos.

### **Análise Estatística**

Recorreu-se à análise estatística descritiva para obter as frequências e percentagens de ocorrência de cada uma das variáveis. Todas as análises foram efectuadas com software SPSS Statistics.

### **Discussão e Resultados**

Pela análise, verifica-se que para 41.66% (n=190) dos treinadores, o Olimpismo é uma Utopia, para 20.39% (n=93) é um Mito e 11.18% (n=51) é uma Ideologia. Para este estudo e dado a definição de Olimpismo segundo a carta Olímpica apenas 1.53% (n=7) mencionaram que o Olimpismo é uma filosofia. Verifica-se igualmente que para os treinadores 4.82% mencionam o Olimpismo como um ideal humanista e uma questão de dinheiro, e que 4.38% (n=20) dos treinadores mencionam que o Olimpismo é um sistema corrupto. Verificasse que 76.75% (n=350) não sabem quem foi Pierre de Coubertin; e apenas 23.24 % (n=106) dos/as treinadores/as que responderam afirmaram que sabe quem foi Pierre de Coubertin., 32.07% (n=34) dos treinadores desta amostra associaram-no a ser o criador da F.I.F.A.

Verificasse que 78.07% (n=356), dos treinadores da amostra não ouviram falar de Espírito Olímpico, 21.92% (n=100) ouviram falar. Do resultado positivo, 71% (n=71) dos treinadores que já ouviram falar em espírito olímpico estes não o definiram; 29% (n=29) descreveram como a comunhão entre os atletas, conjunto de valores inerentes á participação desportiva, vontade de vencer e procurar a excelência, união dos atletas do mundo. Existem treinadores/as que confundem o lema olímpico com Espírito Olímpico 36.3%

Verificasse que 68.42% (n=312) dos treinadores não transmitem os valores Olímpicos aos seus atletas, constata-se ainda pela análise e obtenção de resultados recolhidos que 86.21% (n=269) são de treinadores de escalões mais jovens. Em análise dos resultados, verificasse que os treinadores que transmitem os Valores Olímpicos 63.88% (n=114) apenas fazem no treino e antes deste; no existe nesta amostra treinadores que o façam durante o treino e apenas 20.83% (n=30) fazem-no após o treino. Registe-se ainda que apenas 3.28% (n=15) para além de transmitem os valores olímpicos em treino também o fazem em competição.

Constata-se que apenas 9.42% (n=43) ouviram falar sobre o Movimento Olímpico e os seus valores durante o curso de treinadores nomeadamente nas modalidades de Karaté, Ginástica e Judo. Que 32.01% (n=146) foi apenas durante a sua Licenciatura na área de Ciências do Desporto. A maioria dos treinadores desta amostra, 58.55% (n=267) não ouviram falar nem no curso de licenciatura nem durante o curso de treinadores, Na grande maioria de modalidade desportivas da amostra de estudo.

Através da análise de resultados verificou-se que 46.05% (n=210)

a Carta Olímpica(C.O.) é as memórias do fundador dos Jogos Olímpicos (J.O.) da Era Moderna; para 34.21% (n=156) dos treinadores a C.O. é a missiva que lê um atleta na cerimónia de abertura dos J.O. Para 12.06% (n=55) a C.O. é a norma fundamental do Olimpismo. 7.67% (n=35) dos treinadores da amostra do presente estudo, mencionou que a C.O. é um texto usado na cerimónia de encerramento do J.O.

Verifica-se que para os treinadores do presente estudo consideram que os valores que se relacionam com os J.O. são: Excelência 38.15% (n=174), Êxito e Resultado 23.68% (n=108) e Desportivismo 19.07% (n=87). Verifica-se que para 11.62% (n=53) dos treinadores apontam a amizade como sendo o valor associado aos J.O e 2.19% (n=10) apontam o respeito pelos regulamentos. No aspecto negativo existem treinadores que relacionam o abuso do doping como sendo um valor associado aos J.O. 5.26% (n=24).

Os treinadores do presente estudo não consideram os valores igualdade, amadorismo, auto-controlo, virtude, a vontade necessária para o esforço máximo, obediência, boa vontade, A modéstia, comercialização, paz e tranquilidade, relacionados com os J.O. 0% (n=0). verificasse que da listagem dos dezasseis valores apresentados, apenas seis foram referenciados, Excelência, Êxito e Resultado, Amizade, Abuso do Doping, Respeito e Desportivismo. Consta-se que os treinadores apontam que o Abuso do Doping seja um valor representativo dos J.O. Interpretação que se faz poderá ser com o facto da imagem de vitória do treinador estar associado ao prestígio e este sem olhar ao meio.

verifica-se que para os treinadores do presente estudo consideram que a participação relaciona com os J.O. são: Carreira Desportiva do Treinador 35.08% (n=160), Nacionalismo 24.34% (n=111) e Forma Física o seu atleta 21.92% (n=100).

Verifica-se que para 16.44% (n=75) dos treinadores apontam o Reconhecimento como sendo o item relacionado com a participação nos J.O. E 2.19% (n 10) alegria no esforço da relação treinador - atleta. Os treinadores do presente estudo não consideram itens relacionados com a participação J.O. 0% (n=0): Vitória a qualquer preço, Aldrabice, Pluralismo, Rejeição das discriminações, Solidariedade, Um enriquecimento cultural, Cooperação, Abertura do espírito, Riqueza, Um mundo melhor, Harmonia entre o corpo e a mente. Consta-se que os treinadores apontam que a participação nos J.O. esta inteiramente relacionado com relação treinador – atleta.

verifica-se que para os treinadores do presente estudo consideram que os valores que se relacionam com os J.O. são: Excelência 38.15% (n=174), Êxito e Resultado 23.68% (n=108) e Desportivismo 19.07% (n=87). Verifica-se que para 11.62% (n=53) dos treinadores apontam a amizade como sendo o valor associado aos J.O e 2.19% (n=10) apontam o respeito pelos regulamentos. No aspecto negativo existem treinadores que relacionam o abuso do doping como sendo um valor associado aos J.O. 5.26% (n=24).

## Conclusão

Após a realização das várias análises estatísticas no decurso deste trabalho, foi possível sugerir as seguintes conclusões deixando também algumas sugestões. No entanto este trabalho, não acaba, sempre novos dados a serem introduzidos. Os Treinadores deste estudo revelou possuírem fracos conhecimentos sobre a temática dos Jogos Olímpicos e dos seus ideais. Poucos são os treinadores que transmitem os valores Olímpicos aos seus atletas, e os que fazem é essencialmente antes do treino os treinadores desta amostra não tiveram, na sua maioria conhecimentos nem durante a formação nem durante o curso de treinadores sobre a temática Olímpica Não sabem que existe um juramento Olímpico para treinadores. Relativamente as «Percepções dos Jogos Olímpicos», foi fair-play 23.73% seguido competição 18.43%, profissionalismo 11.75%, como os temas mais representativos da amostra recolhida. Os temas de comportamento gentleman e a esperteza, obtiveram valores de sentido negativo relativamente as suas percepções sobre os Jogos Olímpicos. O factor que os treinadores da amostra elegeram como o mais importante relativamente à «Importância da

participação nos Jogos Olímpicos» é: Carreira Desportiva do Treinador 35.08%, Nacionalismo 24.34% e Forma Física o seu atleta 21.92%. Em relação à dimensão «Valores relacionados com os Jogos Olímpicos» os treinadores elegeram. Excelência 38.15% (n=174), Êxito e Resultado 23.68% (n=108) e Desportivismo 19.07% (n=87).

Com estes resultados pretende-se que seja revista ao programa de formação de treinadores, em colaboração com as federações desportivas e o comité olímpico de Portugal.

## Agradecimentos

Este trabalho não poderia ser feito sem a ajuda do Instituto de Desporto de Portugal que autorizou através das delegações regionais a aplicação dos questionários aos treinadores durante o período de frequência de acções de formação e aos clubes

## Referências

- Adelino, J., Vieira, J., Coelho, O. (2001) O Desporto Juvenil em perguntas e respostas. 4.ª edição. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos do Desporto.
- Adelino, J., Vieira, J., Coelho, O. (2000) Treino de Jovens: o que todos precisam de saber. 3.ª edição. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Adelino, Jorge (s/d) «Código deontológico do treinador», in Treino Desportivo, pág. 40-42.
- Almeida, C. (2001) O treinador em Portugal – Perfil social, caracterização da actividade e formação. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos do Desporto.
- Araújo, J. (1998) Treinador, saber estar, saber ser. Lisboa: Editorial Caminho.
- Benach, J. A. (sem data) Desporto e classes sociais. In O serviço cívico e o desporto. pp. 4049. Lisboa: Direcção-geral dos Desportos. Edição do centro de documentação e informação.
- Bento, J.O.(1988). Recordar Coubertin: em defesa do seu legado cultural e dos princípios Olímpicos. Revista Horizonte nº26, vol.V, Agosto
- Carta Olímpica (2015). Comité Internacional Olímpico. Lausanne, Switzerland.
- Clayes, U. (1984) «A evolução do conceito de desporto e o fenómeno da participação/ não participação», Desporto e Sociedade – Antologia de Textos, n.º 3.
- Comité Internacional Pierre de Coubertin, Olimpismo, seleção de textos 2015
- Cunha, A. et al (1999) «Gerir o futuro: Da formação do praticante de futebol ao jogador de excelência», in J. Adelino, J. Vieira, O. Coelho Seminário Internacional Treino de Jovens – «Os caminhos do Sucesso». Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva (pp. 17-29).
- Cunha, A. et al (2000) «O „bom treinador», in Horizonte, vol. XVI, n.º 91: 27-33.
- Esteves, J. (1999) O Desporto e as estruturas sociais – um ensaio sobre a interpretação do fenómeno desportivo. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Gonçalves, C. (1987) «Formação do Treinador no Âmbito da Pedagogia Desportiva» in Horizonte, 20: 63-69.
- Graça, A. et al (1999) «Quando se treina bem!», in J. Adelino, J. Vieira, O. Coelho Seminário Internacional Treino de Jovens – «Os caminhos do Sucesso». Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva (pp. 61-71).
- Lima, T. (1988) O desporto está nas suas mãos. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lima, T. (2000) Saber treinar, aprende-se!. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Lima, T. (2001) Com que então quer ser treinador? Basquetebol – da aprendizagem à competição. Lisboa: Centro de estudos e Formação Desportiva.
- Marivoet, S. (2001) Hábitos desportivos da população portuguesa. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Marivoet, S. (2002) Aspectos Sociológicos do Desporto. 2.ª edição. Lisboa: Livros Horizonte.
- Martens, R. et al (s/d) «Os objectivos do Treinador de Jovens», in Treino Desportivo, pág. 2023.
- Martins, L. (1990) «A Intervenção do Treinador», in Treino desportivo, 17: 28-32.
- Naul, R. (2010) Olympic Education: The Olympic ideal in modern sports education, the history and promotion of Olympic education, Pedagogical concepts and teaching approaches. Meyer & Meyer Sport (UK), 2ª edição
- Parry, J. (1994). The moral and cultural dimensions of Olympism and their educational application. Olympia: Internacional Olympic Academy
- Preuss, H., Schutte, N., Konecke, T. & Da Costa, L. (2014) – Olympic Ideals as seen by Olympic Scholars and Experts. Mainzer on Sports Economics & Management, nº13, pp 3-25
- Orlick, T. et al (1999) «Promover a confiança a alegria e a excelência no treino de jovens», in J. Adelino, J. Vieira, O. Coelho Seminário Internacional Treino de Jovens – «Os caminhos do Sucesso». Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva (pp. 5-16).
- Roland, N. (2010) Olympic Education: The Olympic ideal in modern sports education, the history and promotion of Olympic education, Pedagogical concepts and teaching approaches. Meyer & Meyer Sport (UK), 2ª edição
- Sarmiento, P. (1992) «Aspectos da Formação de um Treinador» in Horizonte, 50: 67-70.
- Silva, M. et al (2002) «Perfil do Treinador de Crianças e Jovens», in F. Sobral, M. C. Silva, Demografia e jovens no Desporto. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva (pp. 61-69).
- Simão, J. (1998) A formação do treinador: análise das representações de treinadores em relação à sua própria formação, Mestrado. Lisboa: UTL-FMH (pp. 6-17).
- Smoll, F. (2000) A Comunicação do Treinador com os Pais dos Atletas. Lisboa Centro de Estudos e Formação Desportiva.